



UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ORIENTAÇÃO À QUEIXA ESCOLAR: A HISTÓRIA DE RENATA

Rafael de Lira Carreteiro
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
São Paulo, 2017



SUMÁRIO

1	APRESENTANDO A ORIENTAÇÃO À QUEIXA ESCOLAR	3
2	TRIAGEM DE ORIENTAÇÃO	7
3	ENTREVISTA INICIAL COM A MÃE	8
4	ENCONTROS COM A RENATA	10
4.1	Primeiro Encontro	10
4.2	Segundo Encontro	12
4.3	Terceiro Encontro	13
4.4	Quarto Encontro	14
4.5	Quinto Encontro	16
4.5.1	Reunião no Colégio Beija-Flor	16
4.5.2	Encontro no Colégio Beija Flor	18
4.6	Sexto Encontro	19
4.7	Sétimo e Oitavo Encontros	21
4.8	Nono Encontro	22
4.9	Décimo Encontro	23
4.10	Décimo Primeiro Encontro	24
4.11	Décimo Segundo Encontro	25
4.12	Décimo Terceiro Encontro	26
5	Devolutiva	28
6	Acompanhamento	29

7	Considerações Finais	31
8	Bibliografia	35



1 APRESENTANDO A ORIENTAÇÃO À QUEIXA ESCOLAR

O serviço de Orientação à Queixa Escolar (OQE) é um dos trabalhos do Serviço de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia – IPUSP. Vem se consolidando no decorrer dos últimos dezessete anos, atendendo crianças e adolescentes (e, conjuntamente, suas famílias e escolas) que vivenciam uma situação de queixa escolar e formando psicólogas e psicólogos para intervenção em tal demanda pautados por uma perspectiva de Psicologia que se pretende crítica, não-patologizante, emancipadora e humanizada.

Cabe a contextualização acerca dos princípios que orientam esta forma de compreender as queixas escolares e direcionam qualquer intervenção dentro deste modelo. Como este trabalho pretende se estender no relato de experiência de atendimento de um caso de queixa escolar, tal contextualização será breve, sendo indicados os trabalhos de Frel-ler et al. (2001), Souza (2006), Souza (2010) e Souza Sobral (2010) como referências consolidadas acerca da origem e estruturação do modelo de trabalho da Orientação à Queixa Escolar. Mostrando-se cada vez mais urgente, o movimento de encontro e articulação dos campos da Psicologia e da Educação propondo sua reflexão crítica parte do início dos anos setenta do século passado, valendo o destaque ao trabalho de Maria Helena Souza Patto intitulado “Produção do Fracasso Escolar: Histórias de Submissão e Rebelia” (PATTO, 1990). Neste trabalho, é discutida de forma aprofundada e crítica as histórias de crianças vivendo a realidade do fracasso escolar, compreendendo as condições históricas e sociais que envolvem a produção deste fenômeno. Tal articulação permanece ainda imprescindível, considerando o que indicam os dados acerca da alta demanda relacionada a dificuldades escolares em crianças e adolescentes encaminhados aos serviços de Psicologia apontados por Souza (1996)

É no escopo de tais discussões que se faz fundamental a reflexão acerca dos modelos tradicionais de intervenção do profissional de Psicologia no trato das queixas escolares. Tais modelos, centrados em única visão de queixa e que se propõem a operar modificações de comportamentos e adequação às exigências do ambiente, depositando sobre



o estudante a máxima responsabilidade sobre sua condição, já não são mais suficientes para a complexidade do fenômeno. Torna-se urgente a proposição de um modelo prático de intervenção que compreenda a produção da queixa escolar em sua complexidade e que proponha um movimento de reorganização em rede. Propondo-se a dar conta desta necessidade, a OQE começa a se desenvolver, visando um modelo de atendimento humanizado e empoderador, centrado na compreensão da rede, composta principalmente pelo estudante, sua família e sua escola, imersos em uma realidade social específica e que não pode ser desconsiderada. Tem, então, como objetivo principal a movimentação desta rede, no sentido de facilitar a compreensão das dificuldades enfrentadas e favorecer a proposição de soluções conjuntas para promover a superação.

Com este objetivo, o trabalho do profissional de psicologia é o de atuar como mediador destas relações, contribuindo com o ponto de vista de especialista (o que não significa ser o único saber ou o saber superior dentro da rede). Com este olhar, o profissional pode sinalizar as potencialidades expressas por todos os sujeitos envolvidos. Freller et al. (2001) e Souza (2006) propõem uma série de parâmetros que orientam os atendimentos em OQE que valem a pena ser destacados. O primeiro deles é a escuta dos diversos envolvidos, compreendendo suas versões dos fatos. Conhecidas estas versões, faz-se fundamental que o psicólogo auxilie na circulação destas informações, visando facilitar a comunicação e a compreensão global da situação posta.

Diante de tal quadro, exercita-se a reflexão, oferecendo dados e informações, de circunstâncias que se expressam de forma sintomática, sem registro no código linguístico. Assim, tais circunstâncias podem ser mais facilmente elaboradas, problematizadas e simbolizadas.

Para que tal movimento seja possível, o profissional deve estar sensível às necessidades do estudante atendido, propiciando condições para que ele expresse e se aproprie de suas questões. Oferecer um espaço de acolhimento, escuta e compreensão facilita a expressão de angústias e defesas que se relacionam direta ou indiretamente à situação de queixa escolar. A escola deve ter seu papel primordial reconhecido durante o processo. A queixa escolar tem como cenário, principalmente, a escola. Sendo assim, reconhecer o potencial da instituição escolar¹ mostra-se, além de necessário, algo precioso e que desvela diferentes aspectos do modelo de educação vigente.

Compreendidas tais questões, cabe esclarecer o funcionamento, na prática, do trabalho em OQE (que orientou a realização da intervenção aqui relatada).

Uma vez manifestado o interesse e feita a inscrição no serviço, o passo seguinte



e que caracteriza o primeiro contato da equipe com as famílias é a TRIAGEM DE ORIENTAÇÃO. Este momento, em sua maioria organizado em grupo, é o registro da visão da família acerca da queixa, que é convidada para uma conversa e solicitada para que traga algum material escolar da criança/adolescente em questão.

Freller et al. (2001) esclarecem a importância deste momento ao afirmarem que este momento é mais que uma simples apresentação ou entrevista, pois se caracteriza como um momento de intensa elaboração, favorecida por questões diretamente relacionadas à situação exposta, além da possibilidade de troca de experiências entre as famílias presentes. Tendo em vista deixar claro desde o início o papel ativo de todos os envolvidos, neste momento a participação é viva e, muitas vezes, suscita reflexões que são suficientes para mobilizar a rede no sentido de superação da queixa ora apresentada.

O próximo passo é a ENTREVISTA INICIAL COM A FAMÍLIA. É neste momento que a psicóloga ou psicólogo que assumirá o caso tem seu primeiro contato com a família a ser atendida e estabelece o contrato de trabalho. Deve-se priorizar o acolhimento e a escuta ativa da queixa sob o olhar da família, buscando compreender o movimento histórico e social de sua constituição e favorecendo, sempre que possível, a movimentação da rede.

Em seguida, iniciam-se os ATENDIMENTOS. O modelo da OQE é pautado pela modalidade de atendimento breve e focal. Breve por não pretender tornar-se parte da rede de forma prolongada, visto o caráter de orientação do trabalho e por valorizar a potência transformadora intrínseca à rede. Focal por se inserir diretamente nas questões ligadas à queixa escolar, priorizando tais tópicos visando a movimentação, o mais breve possível, da rede.

Este espaço faz uso de materiais comumente encontrados nos atendimentos tradicionais a crianças e adolescentes, mais especificamente, os objetos lúdicos, brinquedos, materiais gráficos e materiais escolares⁴. Seu uso se dá sempre visando facilitar a comunicação, expressão e elaboração das questões postas. Por volta do quarto encontro ocorre a primeira forma de CONTATO COM A ESCOLA. Este contato ocorre em dois momentos: resposta ao questionário e visita presencial. O primeiro momento envolve a resposta a um questionário, levado pela família para a escola. Seu objetivo é organizar algumas questões primordiais acerca da vida escolar do atendido, sendo um primeiro movimento de reflexão da escola. Em seguida, recebido este questionário, suas respostas orientam o planejamento da reunião presencial na escola, na qual busca-se privilegiar a presença de professores e professoras que atuem diretamente com o atendido. Reforçando: a OQE



está pautada pelo trabalho humanizado e empoderador da rede. Sendo assim, tanto o envio do questionário quanto o debate acerca das respostas recebidas são feitos de forma aberta com o estudante atendido, considerando seu ponto de vista⁵. Ao final do processo, é realizada uma ENTREVISTA DEVOLUTIVA com a família e com o estudante atendido. Este momento pode ser feito em grupo ou individualmente e deve priorizar o fortalecimento dos sujeitos envolvidos para que possam lidar com a rede de forma mais clara, o que favorecerá sua movimentação. Este, afinal, é o objetivo central do trabalho, sem nunca pretender ser a “solução definitiva” de todos os problemas o que, na realidade, é impossível. Combina-se também, nesta oportunidade, um contato telefônico a ser realizado dentro de aproximadamente dois meses. O ACOMPANHAMENTO é o contato realizado após o final do atendimento. Seu objetivo é o de verificar como a situação no término do trabalho se desenvolveu, buscando avaliar os avanços obtidos e estudar novas alternativas, se necessário.

Compreendida a concepção de queixa escolar que norteia este modelo e a forma como se organiza na prática, apresenta-se a proposta deste trabalho. Aqui, será apresentado o relato de um caso atendido no Serviço de Orientação à Queixa Escolar que ilustra de forma detalhada, primando por uma linguagem próxima do diálogo, o desenrolar do atendimento de uma queixa de dificuldade de aprendizagem. Esclarecendo que, respeitando os parâmetros éticos, todos os nomes de pessoas e instituições foram alterados, buscando preservar o sigilo.

O objetivo geral deste trabalho é documentar a prática da OQE, com o intuito de ser uma ferramenta para reflexão acerca de outros modelos possíveis de intervenção. Seus objetivos específicos são esclarecer o funcionamento deste trabalho encontro a encontro e mostrar o processo de movimentação da rede em um caso específico.



2 TRIAGEM DE ORIENTAÇÃO

“... Você já esteve tão perdido? [...] Será que existe uma luz, existe uma luz no fim da estrada? ”
(Lost - Katy Perry, livre tradução)

Agosto de 2016. Esta foi a primeira triagem de orientação que pude acompanhar. Nela estavam presentes as mães de três crianças e, dentre elas, estava Letícia, que logo soube ser mãe de Renata, de dez anos de idade.

Letícia é a última do grupo a falar e nos apresenta sua queixa. Renata, no momento cursando o quinto ano no período vespertino, não consegue acompanhar a turma. Tem dificuldades em compreender o que a professora explica e não se sente à vontade para perguntar novamente, pois teme que os colegas “tirem sarro” dela.

Estudando na mesma escola desde o segundo ano, percebe-se alguma mudança no desempenho de Renata a partir do terceiro ano. Agora, no quinto ano, suas notas vêm caindo nos últimos bimestres e estava de recuperação em muitas matérias. Tal quadro preocupava a todos os envolvidos, inclusive a escola, a qual já havia orientado a mãe há algum tempo para que procurasse ajuda para a menina.

Na tentativa de ajudar, Renata foi colocada em um serviço de reforço da própria escola, além de estar recebendo ajuda dos tios e da mãe para estudar. Uma significativa movimentação estava acontecendo!

Durante seu relato, Letícia nos expõe uma grande preocupação: Renata é aluna bolsista de uma escola particular na região onde moram. Esta é uma escola muito valorizada (tanto pela comunidade em geral, como pela própria mãe) e, por conta disso, algo a preocupa muito: a possibilidade de perda desta bolsa de estudos caso Renata venha a reprovar, o que impossibilitaria de continuar na escola.

Muito emocionada, Letícia expõe seu desejo de que a filha possa continuar nesta escola (o que ela considera uma conquista muito grande). Para tanto, precisa de ajuda, pois sente-se sozinha com uma responsabilidade tão grande em suas mãos.



3 ENTREVISTA INICIAL COM A MÃE

“... Você já se sentiu como se estivesse enterrado bem fundo, gritando a sete palmos, mas ninguém parece ouvir nada? ”
(Firework - Katy Perry, livre tradução)

Após alguns minutos de atraso por conta de uma paralisação dos ônibus, iniciamos nossa conversa. Letícia diz que havia esquecido de contar na triagem que a filha gosta muito de jogar pebolim. Explica que na escola existem mesas de pebolim onde os alunos realizam pequenos torneios. Renata gosta muito de participar desses torneios, tendo inclusive a própria bolinha, e sempre pede à mãe para que vá buscá-la um pouco mais tarde para que possa ficar jogando depois da aula.

Curioso sobre esta última informação, questiono-a sobre a relação da Renata com a escola. Descubro, então, que a menina gosta da escola, evita faltar às aulas e sempre fala com a mãe sobre as notas que tira, sejam elas mais baixas ou mais altas. Quanto às lições, costuma fazê-las à noite. Ela prefere assim por achar que, se deixar para fazer pela manhã, estará sonolenta. Nos últimos seis meses, o tio e sua esposa, ambos pedagogos, têm se oferecido para auxiliar a Renata na realização das tarefas. Aqui, Letícia retoma a queixa, dizendo que o auxílio dos tios tem ajudado na superação da dificuldade de acompanhar a classe por eles trabalharem os conteúdos de forma mais lenta e com técnicas diferentes das trabalhadas em sala de aula. Começamos a abordar o histórico da queixa. Ela se lembra que no terceiro ano vieram as primeiras queixas da coordenação quanto ao desempenho da filha. Nesse período, ela passou a frequentar um reforço na escola, com a mesma professora da turma, em um grupo de quatro alunos.

Letícia diz que a filha se perde em correções de tarefas feitas de forma oral e que não interrompe a correção para pedir que repitam respostas para ela. Nas ocasiões que chegou a fazê-lo, fora repreendida pelos colegas de classe, que a chamaram de burra.

Curioso, pergunto o quanto Renata se cobra com relação às suas notas e a mãe diz que a filha não costuma se preocupar excessivamente. Apesar disso, percebe que ela muda seu comportamento em época de provas, ficando visivelmente mais estressada.



Nas provas, Renata demonstra conhecer o conteúdo exigido, mas parece ter dificuldades de interpretar o que a questão pergunta. Em casa, quando estuda na companhia da mãe, sabe falar sobre o conteúdo estudado, mas na hora da prova sente que o tempo é muito curto e que ela tem “brancos”.

Caminhando para o final, pergunto o quanto Renata tem conhecimento da queixa apresentada. Letícia conta que conversa abertamente com a filha e ela sabe que a escola tem uma queixa quanto ao rendimento dela. Também tem clareza de que seu desempenho escolar está ligado à manutenção de sua bolsa de estudos e sabe que pode perdê-la caso não recupere suas notas. Quanto ao atendimento em OQE, a mãe falou com a filha sobre o serviço, que demonstrou preocupação quanto à possibilidade de se tratar de mais um reforço, o que fui contundente em explicar que não é o caso.

Nos últimos minutos, Letícia relata que a escola apresentou a queixa e exige dela um laudo psicológico que ateste que a Renata tem dificuldades de aprendizagem (levantando a dislexia como um possível diagnóstico). Tal laudo seria importante para a possibilidade de manutenção da bolsa caso as notas não melhorem.



4 ENCONTROS COM A RENATA

4.1 Primeiro Encontro

“...Preciso de [...] força para lidar com a pressão.
Sei que haverá sacrifício, mas esse é o preço.
No final, para quem eu estou vivendo? ”
(Who Am I Living For – Katy Perry, livre tradução)

Logo na recepção, quando chego para cumprimentar Letícia e Renata, a mãe me apresenta à filha e pergunta a ela se eu era como ela havia imaginado. Para mim, a mãe diz “a julgar pelo sorriso dela eu acho que não é não”. Brinco com situação, procurando descontraír e “quebrar o gelo”. Letícia diz a mim que havia trazido as duas últimas provas da filha e que ela novamente havia se saído mal. Deu as provas à filha e, em seguida, entramos.

Já na sala, Renata se depara com vários brinquedos. Começo reforçando a ideia de que nossos encontros não seriam “mais um reforço”. Peço para que ela fique à vontade e explico que aquele era um espaço dela, onde ela poderia falar livremente sobre o que quisesse e não falar sobre o que não quisesse. Seguindo, conto que a mãe dela havia me procurado dizendo que algo que estava acontecendo na escola a estava preocupando. Peço, então, para que ela me diga o que ela pensa sobre isso, por que motivo ela acredita que está indo ao psicólogo.

Renata responde que tem tirado notas ruins na escola e sabe que precisa melhorar. Diz, categoricamente, que precisa se esforçar mais para aprender mais e melhorar seu desempenho. Bastante tímida e cabisbaixa, repete de diferentes formas o mesmo conteúdo: vai mal na escola e acha que não está se esforçando o suficiente.

Explico para ela que um dos nossos objetivos durante os encontros será tentar entender o motivo destas notas baixas. Desta forma, poderíamos pensar juntos em formas de mudar quando entendermos o que está acontecendo.

A seguir, apresento as principais questões abordadas com a Renata. Esta conversa se deu enquanto realizávamos uma proposta apresentada por mim. Lembrando que a



mãe havia dito que ela gosta muito de jogar pebolim na escola, levo materiais para construirmos juntos um pebolim de sucata. Pergunto se ela gostaria de fazer isso e ela concorda. Durante toda atividade, tópicos sobre a montagem do pebolim foram intercalados com questões sobre a rotina e a escola, evitando um contexto inquisitório e possivelmente aversivo.

A princípio, falo que a mãe dela havia comentado que ela gostava de jogar pebolim na escola. Ela concorda e seguimos conversando sobre os campeonatos que fazem na escola e as regras do jogo.

Em seguida, digo que vi que ela trouxe suas provas, pergunto se ela gostaria de me mostrar e ela concorda. Peço para que ela me apresente a prova e fale sobre seu conteúdo e suas dificuldades. Tratavam-se de uma prova de ciências e uma prova de matemática.

Renata apresenta o conteúdo das provas e diz que, quando está respondendo, frequentemente se confunde ou não consegue entender o que os enunciados dizem. Confirma que conhece o conteúdo, mas na hora de responder “dá branco” e ela se atrapalha nas respostas.

Peço para que ela me fale se ela se lembra desde quando o desempenho dela vem sendo insatisfatório. Ela diz que até o segundo ano (que foi o primeiro ano na atual escola) estava tudo bem. No meio do terceiro ano seu rendimento começara a cair. Tento questioná-la sobre hipóteses quanto a este momento ser o início da queixa e ela não sabe dizer o motivo.

Renata diz que na escola já frequentou o reforço, mas que não ajudou muito. Em casa, ela diz estudar diariamente, tendo a ajuda dos tios pedagogos, e também por conta própria, em seu quarto. Conta que os tios repassam as tarefas com ela, explicando diversas vezes e de diferentes formas até que ela entenda. Ela própria diz que isso tem ajudado bastante, mas ainda assim se sai mal nas provas.

Sigo nossa conversa procurando conhecer um pouco mais dos gostos, hábitos e rotina dela. Pergunto do que ela gosta de brincar. Ela responde que brinca de boneca quando a prima vai à sua casa ou que vai até o parquinho do condomínio ou à praça perto de casa quando outros primos a visitam “de vez em quando”. Pergunto se existem outros brinquedos e brincadeiras que ela gosta e ela diz “é só isso mesmo”.

Renata se lembra que gosta de ir ao cinema. Quando pergunto se ela vai sempre, ela diz que vai com sua mãe e seu irmão de vez em quando. Pergunto se ela tem outras coisas que gosta de fazer, ela novamente diz “é só isso mesmo”, seguindo com “quando



eu tenho um tempo eu vou para o meu quarto e estudo, porque eu preciso me esforçar muito para melhorar minhas notas”.

Neste momento, já caminhando para o final, faço uma retomada do que ela havia relatado. Digo a ela que ela frequenta o reforço na escola, estuda diariamente em casa com ajuda dos tios, estuda sozinha quando tem tempo livre, tem ajuda da mãe e do irmão quando necessário. Afirmo que, para mim, ela parece ser uma pessoa que estuda bastante e que se esforça muito. Pergunto se ela concorda e ela não me responde, repetindo que precisa se dedicar muito.

4.2 Segundo Encontro

“... Você não precisa ser uma concha, não Você é a única que pode dominar seu mundo
E você vai aprender que ainda pode seguir em frente
E você sempre será uma pérola”
(Pearl – Katy Perry, livre tradução)

Começo mostrando que havia levado algumas opções de brinquedos além do nosso pebolim. Perguntei o que ela gostaria de fazer e ela disse que queria terminar o pebolim. Renata parecia muito mais à vontade e sorridente neste encontro. Ela mesma iniciou a conversa, contando que sua família tem planos de se mudar em breve. Demonstro interesse em conhecer mais sobre esta história e ela relata com muita clareza alguns detalhes do planejamento.

Por um bom tempo a conversa aborda a mudança. Renata parece muito animada com a ideia. Ela só está preocupada em se afastar das (como ela mesma pontua, poucas) colegas que tem em São Paulo.

Esta preocupação aparece quando tento retornar ao tópico das atividades de lazer e brincadeira que ela tem. Pergunto sobre o que ela faz e ela diz que vê um pouco de TV e fica sentada no sofá pensando. Quando questiono sobre o que ela fica pensando, ela diz que é sobre a preocupação em deixar as colegas.

Seguimos nossa conversa pensando nas possibilidades de estar nesse novo lugar. Renata diz que apesar de tudo está animada com a mudança, sabe que fará novas amizades por lá. Digo que ela poderá manter contato com as colegas também, pois existem várias tecnologias que permitem isso e que ela poderia vê-las quando viesse à São Paulo passear.

Continuamos falando sobre a mudança e procuro saber o quanto ela está participando da tomada de decisões. Ela conta que já viu algumas fotos da casa em construção, mas



ainda não foi até lá. Pergunto se ela sabe se já está sendo vista alguma escola para ela e ela diz que ainda não deu tempo de verem esta questão.

Aproveito que falamos em escola e pergunto se ela sabe quantos fatos importantes da história aconteceram no estado para onde pretendem se mudar. Ela afirma que conhece sobre o assunto, mas que na escola já estão mais para a frente na história. Diz estar estudando o governo de Getúlio Vargas e de Juscelino Kubitschek.

Novamente insisto em saber sobre suas atividades de lazer e ela responde que não sai nem brinca muito e não tem tempo para isso pois precisa estudar. Fico evidentemente consternado com esta afirmação e faço uma fala mais incisiva esclarecendo que criança tem o direito de brincar! Que tão importante quanto estudar é brincar, e que ela também aprende brincando e precisa ter o tempo para ambos garantido! Renata parece surpresa com a minha afirmação pois não parecia ser algo tão claro para ela a importância do brincar. Peço para que ela leve essa ideia com ela: você merece ter tempo de brincar sim!

Durante toda a conversa seguimos decorando nosso pebolim. Ambos colávamos adesivos em um dos lados da caixa. Ao final, um mostrou o seu trabalho para o outro. Fiz questão de valorizar o trabalho feito por ela, pois estava muito bonito! Tivemos tempo apenas para uma breve partida antes do final do encontro e combinamos de jogar mais na próxima.

Na saída, Letícia me conta que agendou uma reunião com a coordenadora da escola para a próxima semana para conversarem sobre a situação da Renata e para informar a escola que ela já está sendo atendida por psicólogo.

4.3 Terceiro Encontro

“Eu quero quebrar o molde, quero quebrar o estereótipo.
Com o punho no ar, não vou desistir sem lutar”
(Fingerprints – Katy Perry, livre tradução)

Logo a princípio percebo que a Renata parecia estar muito à vontade. Como de costume, pergunto a ela sobre as novidades da semana. Ela diz que as notas das provas saíram e que, mais uma vez, ela não foi bem. Repete que sabe que precisa se esforçar mais para ter boas notas.

Procuro primeiro ouvi-la para entender como ela está pensando a situação. Em seguida, questiono-a sobre como estava se sentindo no dia desta prova. Ela diz ter se sentido um pouco nervosa e que ficou mais depois que começou a ler as questões e perceber



que algumas delas ela não sabia responder. No entanto, conta sua estratégia: lê todas as questões e responde aquelas que sabe, deixando as mais difíceis para o final. Pergunto se existe uma correção da prova junto com ela e ela diz que sim, que a professora corrige a prova com a turma e que muitas vezes ela percebe que errou questões que sabia por falta de atenção.

Faço um questionamento: “Você já pensou em coisas que poderiam te ajudar a relaxar e ficar mais tranquila para a hora da prova? ”. Deixo claro que percebo que ela estuda bastante e acredito que ela sabe a matéria das provas, mas acho que o nervosismo está atrapalhando-a na hora de mostrar o que conhece. Renata me interrompe questionando se nós poderíamos pensar juntos em formas de relaxar, o que eu concordo prontamente.

Sugiro que utilizemos o que temos no nosso espaço para pensar em atividades agradáveis. Proponho, a princípio, um rápido exercício de alongamento e, em seguida, apresento a ela várias opções de materiais e brinquedos para que ela escolha o que gostaria que fizéssemos juntos. Ela escolhe o Cara a Cara e o nosso pebolim. Passamos o restante do encontro jogando esses dois jogos.

Durante o tempo da brincadeira, procuramos conversar sobre amenidades, principalmente sobre o conteúdo dos jogos. Encerramos de forma leve e agradável este encontro.

4.4 Quarto Encontro

“Venha [...] exatamente como você é. Não preciso de desculpas.
Saiba que você vale a pena.

(Vamos) superar seus dias ruins através dos seus dias bons e caminhar
por esta tempestade”

(Uncondittionally – Katy Perry, livre tradução)

Renata chega ao encontro parecendo animada e inicia sua fala contando que havia tirado uma nota oito na última prova de história. Parableno-a pelo feito, frisando o quanto ela é capaz e esforçada. Sigo questionando-a como ela estava se sentindo no dia desta prova. Ela diz que estava mais calma, tranquila e segura e que se sentia assim pois tinha certeza que havia estudado bastante e sabia o conteúdo da prova.

Aproveito o clima agradável para propor que continuemos pensando no que começamos a falar no encontro anterior, sobre atividades prazerosas e relaxantes, que possam ajudá-la a estar mais tranquila na escola. Faço um convite a ela: apresento uma série de materiais (papeis, revistas, cola, tesoura, canetinhas, massinha, etc.) e proponho que ela construa algo que possa falar de coisas que ela gosta de fazer, mas que não faz atualmente



e que poderiam ser boas atividades para ela descansar e para estar fazendo algo além de estudar.

Passamos a conversar sobre as atividades que ela gostaria de fazer. Ela diz que gosta de música e chegou a começar a fazer aulas de violão que gostaria de ter continuado, mas não pôde continuar por estar indo mal na escola e precisar de mais tempo para estudar. Completo dizendo que acho uma ideia muito legal e que acredito que ela poderia abordar isso na escultura dela, que foi o que ela escolheu fazer.

Ela inicia sua construção afirmando que irá fazer uma árvore. Separa algumas cores e começa a trabalhar no tronco enquanto eu a observo. Pouco tempo depois, ela me pergunta se eu gostaria de fazer a árvore junto com ela e eu respondo que sim, perguntando no que eu poderia ajudar. Ela me mostra como pretende fazer a copa da árvore (com várias bolinhas verdes) e diz que eu posso fazer as bolinhas para que ela monte a copa.

Durante esta atividade, aproveito que ela falou que gostava de música e pergunto quais artistas ela gosta de ouvir. Ela responde que gosta da cantora Katy Perry e eu acrescento que eu também gosto bastante dela e que tenho algumas músicas dela no meu celular. Pergunto se ela gostaria de ouvir e ela diz que sim.

Pergunto também se ela tem alguma música preferida, ao que ela responde que sim, mas eu não tinha aquela música citada. Renata brinca e diz que eu preciso providenciar as músicas mais recentes.

Seguimos por um tempo trabalhando na árvore e ouvindo música. O resultado do trabalho é o que segue:

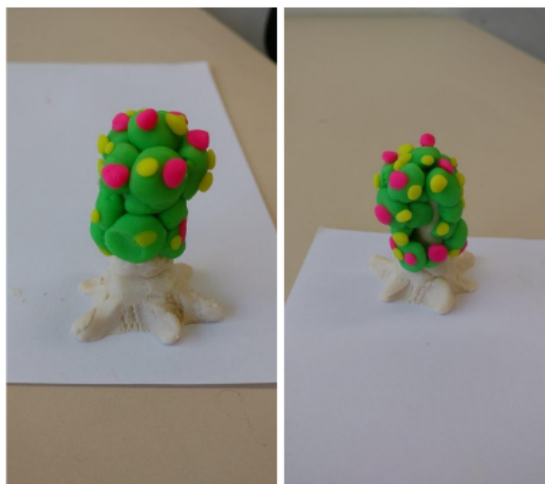


Imagem 1: árvore de massinha produzida no encontro

Ao concluir, pergunto que ela pensa quando vê a sua árvore. Ela fala de forma



bastante elaborada sobre a relação da árvore com a beleza da vida e o quanto ela acha que sua própria vida pode ser muito bonita e colorida, como sua árvore. Digo para ela o quanto achei bonito o que ela disse e reforço que ela havia feito um excelente trabalho.

Na saída, como de costume, falo brevemente com a mãe. Ela me conta que foi feita uma reunião com a direção da escola e informaram que o desempenho da Renata está ruim e que existe o risco de ela reprovar. A escola afirma estar disposta a colaborar, mas que, para tanto, precisam de um laudo de um psicólogo atestando que a Renata tem alguma dificuldade.

Letícia me pede que, se possível, adiante minha ida à escola pois o ano está se encerrando e sobra pouco tempo para fazer algo para resolver a situação da filha. Afirmando que farei o possível para ir à escola antes. Peço licença para a Renata para contar à mãe sobre a nota da prova de história. A mãe sabia que a filha havia ido bem e eu aproveito a situação para reforçar a ideia de que temos que olhar, também, para os avanços que a Renata está conquistando. A mãe concorda e parece mais aliviada ao final da conversa.

4.5 Quinto Encontro

“Defenda o que você acredita, tenha orgulho de quem você é...”
(It’s OK to Believe – Katy Perry, livre tradução)

Começamos nosso encontro, como de costume, conversando brevemente sobre os fatos da semana. Sem grandes novidades, lembro a Renata que sua mãe havia conversado comigo solicitando que eu fizesse uma visita à sua escola⁶. Digo que farei isso e que, para tanto, preciso de sua ajuda para planejar a reunião. Convido-a a pensar comigo o que seria importante abordar para que eu possa ajudá-la.

Começamos a organizar tópicos importantes para a reflexão. Faço algumas perguntas para ela, as quais responde e eu anoto literalmente o que disse. Segue a transcrição deste registro.

4.5.1 Reunião no Colégio Beija-Flor

Com a Prof.^a Carolina e a Coordenadora Giovana

1. QUAL A QUEIXA DA ESCOLA NA VISÃO DA RENATA?

“Eles entenderem que eu preciso de ajuda”

“A Renata precisa de muito esforço, entender melhor”



“Eu preciso dessa ajuda porque eu não quero repetir de ano”

“Quero ajuda para entender o que eu preciso melhorar”

“Às vezes eu fico muito estressada ou perdida, fico avoada”

2. O QUE A RENATA GOSTARIA QUE EU FALASSE SOBRE ELA?

“Eu preciso de ajuda para entender”

“Eu preciso ficar calma nas provas para não ir mal”

“Quero fazer tudo direitinho, se não entender, peço ajuda”

3. QUAIS SÃO OS PONTOS POSITIVOS QUE A RENATA IDENTIFICA EM SI MESMA?

“Eu fico feliz quando eu acerto a questão”

“Eu gosto de fazer exercícios em dupla, ajuda muito”

“Quando tiro notas boas fico muito feliz, mostro para a minha mãe”

“Quando a professora fala algo muito importante eu presto muita atenção”

4. PONTOS POSITIVOS DA RENATA QUE EU MESMO OBSERVEI DURANTE OS ENCONTROS:

- Ela é muito esforçada, estuda muito e tem vontade de aprender;
- Participativa, comunicativa, se concentra nas tarefas dadas;
- Apesar do breve período que estamos trabalhando juntos, já é possível observar que a Renata se encontra em pleno desenvolvimento, evidenciando cada vez mais ter consciência da queixa que se apresenta, compreendendo a multifatorialidade de sua construção, enxergando-se cada vez menos como única responsável pela situação.

5. POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DA ESCOLA NA VISÃO DA RENATA

“Eu queria que perguntassem para mim como eu fui na prova”

“Fazer mais trabalhos em dupla antes das provas para ajudar na preparação e fazer a prova mais tranquila”

Estas foram as questões abordadas na nossa conversa. Concluo dizendo que no nosso próximo encontro iremos conversar sobre como foi a reunião. Por termos ainda certo tempo sobrando, convido-a a brincarmos um pouco, afinal, tivemos um dia de bastante trabalho e merecemos nosso descanso!



4.5.2 Encontro no Colégio Beija Flor

“E, com certeza, eu confesso:
eu estou uma bagunça [...]
Mas, por favor, conte até dez antes que [...] (se) jogue tudo fora”
(Brick by Brick – Katy Perry, livre tradução)

Compareceram à reunião a professora Carolina e a coordenadora Giovana. Início a conversa dizendo que gostaria, a princípio, de ouvi-las. Quem começa é a professora, que fala sobre a Renata não acompanhar a turma, ser frequentemente dispersa e esquecida, não seguindo algumas orientações simples e se esquecendo de realizar tarefas e trabalhos. Ela também afirma que a Renata é uma criança muito tímida e retraída, que não consegue apresentar os trabalhos que produz e que, em discussões em grupo, não consegue dar suas opiniões, levando os colegas a se irritarem por parecer que estão fazendo o trabalho por ela. Quanto a mal comportamento não existem queixas.

Por fim, a professora acrescenta que a Renata tem fortes dificuldades na leitura, interpretação e produção de textos, muitas vezes apresentando falhas na ortografia. Na matemática, tem dificuldade nas operações básicas, que afeta todo seu desempenho. Passando a palavra para a coordenadora, esta apresenta relatórios dos anos anteriores, esclarecendo que o desempenho da Renata tem estado ruim desde o terceiro ano. Observando o registro de notas deste ano, percebe-se uma queda considerável do primeiro para o segundo bimestre, passando de uma média vermelha em língua portuguesa no primeiro, para quatro médias vermelhas no segundo bimestre. As demais disciplinas (inglês, artes, educação física e ciências) tem médias azuis nos dois bimestres.

Aproveito as notas para questionar se a professora teria alguma hipótese do fato de, por exemplo, em inglês a Renata ter um bom desempenho e em língua portuguesa não, já que ambas exigem habilidades semelhantes. Ela não tem nenhuma hipótese e se propõe a pensar mais detidamente sobre o assunto.

A coordenadora segue falando sobre sua preocupação, principalmente pelo fato de a escola já ter solicitado alguma atitude da mãe diante do desempenho da filha há muito tempo e, só agora, ela ter feito algo. Diz que isto a coloca em uma situação complicada, impedindo-a de fazer muita coisa. Explica que gostaria que a mãe tivesse agido antes no sentido de, possivelmente, diagnosticar alguma deficiência, pois assim ela seria autorizada pelo setor jurídico da escola, a pensar em readequação curricular.

Giovana diz que espera do meu trabalho, quando concluído, que eu possa avaliar a Renata no sentido de compreender se ela tem ou não dislexia. Os meus resultados seriam avaliados pela psicopedagoga da escola, por uma fonoaudióloga e uma neurologista e,



caso todos concordassem com o diagnóstico, a escola estaria legalmente autorizada a tomar as medidas cabíveis (oferecer o auxílio destinado aos alunos com NEE). Como tal diagnóstico não existe, diz que muito pouco podem fazer para ajudar.

Assumo a fala e passo a expor, então, o que havia sido planejado no meu encontro com a Renata. Faço questão de frisar o quanto ela se culpa por seu mal desempenho e o quanto ela se cobra e se esforça para melhorar, não conseguindo mudar por, muitas vezes, sentir-se nervosa ou pressionada nas situações de prova.

A professora Carolina mostra-se emocionada com o meu relato, repetindo algumas vezes que se soubesse disso antes teria feito muita coisa diferente. Diz que mudar algumas posturas dela seria algo fácil e acredita poder ajudar de alguma forma, mas preocupa-se com a altura do ano letivo e a dificuldade de recuperar o ano.

A conversa seguiu bastante próxima ao exposto no planejamento. A meu ver, foi uma conversa densa e complexa, mas que produziu resultados bastante significativos. Fui insistente quanto às reais possibilidades e o que a escola estaria disposta a fazer para auxiliar sua aluna. Conseguimos juntos fechar um acordo de que a professora e a coordenadora iriam:

- Dar mais tempo de prova;
- Oferecer o acompanhamento da professora auxiliar nas provas;
- Oferecer uma sala vazia para que ela faça as provas;
- Acompanhar mais detidamente a Renata nas aulas, estando mais atenta às suas dificuldades.
- Analisar com mais cuidado a situação final da Renata no Conselho de Classe.

Todos esses acordos foram firmados, mas a coordenadora pediu para que eu deixasse claro à mãe que não se tratava de readequação curricular e sim de uma estratégia de emergência, uma aposta no potencial da Renata.

Encerrei a conversa me colocando a inteira disposição. A coordenadora me solicitou que enviasse a ela o planejamento que eu havia feito com a Renata, pois ela acredita que este material poderia ajudá-la no Conselho de Classe.

4.6 Sexto Encontro

“Querida, você é como fogos de artifício!
Vamos, deixe suas cores explodirem! [...]



Você vai deixá-los surpresos! ”
(Firework – Katy Perry, livre tradução)

Iniciamos nosso encontro conversando sobre a minha ida à escola. Explico que, assim como combinamos, os tópicos por ela apresentados direcionaram a conversa. Conto que esclareci para elas que apesar de estarmos juntos a pouco tempo, já podia observar muito avanços. Mostrei para elas o quanto a Renata tem clareza de que tem que se esforçar e o faz. Concluo relatando que ambas se dispuseram a trabalhar em conjunto para propor algumas pequenas mudanças que possam vir a ajudá-la.

No princípio da nossa conversa, Renata parecia apreensiva com o que haviam falado sobre ela na escola. Ao perceber que, além das dificuldades, conseguimos pensar em estratégias para ajudá-la, foi ficando visivelmente mais tranquila e, ao final, mostrou estar animada por saber que na escola estão dispostos a ajudá-la a se sair bem.

Vencida esta etapa, esclareço que agora temos que esperar as mudanças acontecerem (nas próximas provas). Sendo assim, proponho mudarmos um pouco o foco para pensarmos mais na Renata fora da escola, sobre suas aspirações, seus gostos, seus sonhos, etc.

Inicio o assunto perguntando se ela já havia pensado no que gostaria de trabalhar quando adulta. Ela relata que gosta muito de animais e que por isso pensa em ser bióloga. Ela não se aprofunda muito neste assunto, pois parece ser algo ainda novo para ela.

Sigo questionando-a sobre seus interesses e, assim como em outras tentativas, ela não fala muito sobre gostos e desejos que tenha, o que me leva a pensar que seu repertório não tenha se desenvolvido neste sentido, uma vez que sua vida está grandemente ocupada por questões escolares. Corroborando com esta hipótese, não raro a Renata retoma conteúdos escolares mesmo quando não estamos falando sobre eles.

Percebo que toda essa conversa parecia já ter cansado a Renata, então proponho que escolhamos algum brinquedo para brincarmos. Ela escolhe um jogo de adivinhação e seguimos jogando pelos minutos restantes do encontro.

Ao final, converso com a mãe para apresentar o conteúdo da reunião a ela. Peço para que a própria Renata fale aquilo que ela se lembra da conversa (para que eu possa ter dimensão daquilo que mais a afetou) e complemento com as informações que faltaram. Esclareço, como solicitado pela orientadora, que as mudanças as quais se dispuseram a fazer não caracterizam uma adequação curricular (como realizada para alunos com NEE), mas sim, uma aposta da escola na Renata e seu desejo de melhorar.



4.7 Sétimo e Oitavo Encontros

“Eu costumava morder a língua e prender a respiração
Tinha medo de virar o barco e fazer bagunça
Então me sentava quieta, concordava educadamente
Acho que me esqueci que tinha uma escolha”
(Roar – Katy Perry, livre tradução)

Mobilizado pela conversa com a professora Carolina, que expôs algumas dificuldades da Renata em acompanhar as aulas, criei a seguinte proposta, que ocupou dois encontros: um jogo onde a Renata estaria sendo convidada por pesquisadores de outra universidade para pesquisar a fauna e a flora da USP (proposta que partiu de seu interesse em se tornar bióloga). Dentro desta atividade, em diversos momentos seriam exigidos a leitura, a escrita, a interpretação e o opinar (que, em reunião com a professora, foram identificados como dificuldades da Renata).

O jogo começou com uma carta de uma universidade fictícia (Universidade Canário da Terra) convidando-a a participar de uma pesquisa, registrando os espécimes da USP. Renata começa lendo a carta para mim, o que faz de forma rápida, se atrapalhando na leitura de algumas palavras. Ao final, peço para que ela me conte o que entendeu da carta e observo que ela não havia compreendido seu conteúdo: enquanto a carta faz um convite para um trabalho, ela compreendeu que alguém estaria interessado em conhecê-la. Realizando a leitura novamente algumas vezes, parágrafo a parágrafo, conseguimos discutir o conteúdo da carta e ela compreendeu seu objetivo.

Seguindo, a proposta seria sair do ambiente clínico e explorar os espaços verdes do entorno. Esta possibilidade causou espanto em Renata, a princípio, que levou algum tempo para romper esta resistência em explorar o novo ambiente (tive que, por diversas vezes, reforçar que era aquilo mesmo que nós iríamos fazer). Apesar desta surpresa, não demorou muito tempo para que ela, evidentemente, estivesse confortável com a situação e passasse a explorar o ambiente.

O passo seguinte consistiu em realizar Protocolos de Registro (Anexo 1) com plantas e animais que ela se interessasse em registrar. Neste protocolo, era exigido que ela identificasse os espécimes com características observáveis (habilidade descritiva) e também que registrasse suas impressões (emitir opinião).

Deste exercício, algumas conclusões puderam ser tiradas, como: muita dificuldade em compreender, a princípio, a diferença entre descrever e opinar; escrita apressada, “comendo letras” e deixando de usar pontuação. Apesar destas dificuldades iniciais, explicando de formas diferentes os conceitos de descrever e opinar ela conseguiu entender



a proposta. Quanto à escrita apressada, observei que ela primeiro falava tudo que gostaria de escrever e, em seguida, escrevia. Na pressa de escrever antes que esquecesse o que pensou, deixava palavras pela metade. Mas, quando solicitada que lesse novamente o que havia escrito, na maioria das vezes, ela mesma se corrigia sem maiores dificuldades. Em suma, a atividade permitiu observar:

- Renata apresenta um nível de apropriação da escrita bastante alto, tendo pequenas dificuldades ortográficas que podem ser corrigidas no processo pedagógico. Ela é capaz de se expressar a partir da língua escrita de forma clara e compreensível, dentro do que é esperado para o seu momento do desenvolvimento;

- Quanto à leitura, tem um ritmo de compreensão um pouco mais lento, exigindo a repetição da leitura e o auxílio para identificar as ideias centrais de cada parágrafo;

- Quanto à habilidade de opinar, parece que este é um exercício novo para ela e que, apesar das dificuldades iniciais, rapidamente compreendeu a proposta e passou a desenvolvê-la de forma adequada;

- Renata é uma criança bastante participativa, curiosa e interessada. Se envolveu na atividade com muita dedicação, conquistando resultados muito bonitos!

4.8 Nono Encontro

“Isto [está sendo] grande para nós
Mudando para sempre, você e eu (...)
Porque tudo bem acreditar em alguma coisa”
(It’s OK to Believe – Katy Perry, livre tradução)

Como de costume, iniciamos nosso encontro conversando sobre a semana e suas novidades. Vencida esta etapa, passo a questioná-la sobre mudanças que ela eventualmente esteja observando na escola após a reunião com a professora.

Renata relata, de forma bastante segura, sentir que este bimestre a matéria parece estar mais fácil. Está conseguindo entender as explicações da professora e cumprir as tarefas sem grandes dificuldades. Fala também que quando não entende alguma coisa que ela pode perguntar à professora e tentar de novo. Destaco para ela a diferença de sua fala neste momento e no início dos atendimentos. Diferentemente do que acontecia, ela já não mais se refere como causa do seu mal desempenho seu pouco esforço. Agora, já fala em qualidade da relação com a professora e de estratégias pedagógicas diferenciadas que podem auxiliá-la, sem, no entanto, se eximir de sua parcela de responsabilidade dentro do processo.



Desta conversa, fica muito evidente para mim a mudança de relação da Renata com a escola, mais especificamente, com a professora. Ela agora fala das atividades escolares com mais confiança, acreditando em si mesma e apostando que irá melhorar, o que é uma diferença muito grande em sua postura. Prosseguindo, relembro que temos tarefas a cumprir da última atividade e pergunto se ela gostaria de continuar de onde paramos. Ela concorda e, então, passamos para a mesa para realizarmos a correção dos protocolos de observação. Peço que ela leia palavra por palavra pausadamente até que tenha certeza que está tudo certo, me colocando à disposição para ajudá-la quando tiver dúvidas. Renata se dedica bastante à tarefa, se concentrando na correção. Percebe que havia cometido uma série de erros (sendo eles: “comer” letras e palavras, ausência de pontuação, não uso de letras maiúsculas e grafia incorreta de palavras inteiras). Lê diversas vezes e corrige a maior parte de seus erros (aproximadamente 95 por cento deles). A principal falha que ela identifica é o não uso de vírgulas. Por conta da alta exigência desta tarefa, ela toma o restante do tempo do encontro.

4.9 Décimo Encontro

“Você sabe que ainda
Há uma chance para você?
Porque há uma faísca em você! ”
(Firework – Katy Perry, livre tradução)

Começamos com a retrospectiva da semana. Renata relata que as provas estão começando na escola e me fala quais já havia feito. Percebendo que o sistema de avaliações parece ser bastante complexo, peço que ela me explique mais detalhadamente como as provas são feitas. Ela relata demonstrando ter dúvidas sobre o sistema de avaliações. Explica que existem atividades avaliativas e avaliações, tendo pesos diferentes, mas não sabe dizer como se definem estes pesos. Diz que sua nota final é composta pela média de diferentes atividades, mas que não tem clareza nem de quais ou quantas atividades compõem sua nota. Esta conversa tomou um longo tempo, visto que ambos não conseguíamos compreender como o sistema avaliativo se estruturava. Quanto mais tentava explicar, mais Renata parecia ficar impaciente com a situação. Nesse momento, ponto que é importante que ela tenha clareza sobre como está sendo avaliada, pois é um direito que ela tem. Oriento para que ela procure sua professora para questioná-la sobre isto, reforçando a ideia de que é importante ela ter uma linha de diálogo fortalecida com a professora. Mais ao final do encontro, Renata aborda que está estudando “porcentagens” na escola e cita um exemplo de exercício que exige que ela responda “quanto são 60Peço para que ela faça como está aprendendo. Ela mostra estar compreendendo o conteúdo de



forma geral (conhece as operações matemáticas) mas ainda não compreendeu o conceito de porcentagem (como uma parte de um todo que é dividido em cem partes). Apesar da dificuldade, me proponho a ajudá-la até que ela consegue resolver o problema proposto.

4.10 Décimo Primeiro Encontro

“Nós estamos apenas procurando conexão
Sim, todos nós queremos ser vistos
Estou à procura de alguém que fale a minha língua”
(Witness – Katy Perry, livre tradução)

Começamos nosso encontro com a retrospectiva. As avaliações são logo citadas, lembrando questões conversadas no encontro anterior. Renata demonstra ter buscado conhecer mais sobre o sistema de avaliações, visto que neste encontro já fala delas com mais propriedade. Ela relata que algumas notas já foram entregues e que está se saindo bem, tirando algumas notas oito e nove. Apenas em matemática não está se saído bem, tendo sido marcada uma recuperação para a semana seguinte. Pergunto se algo de diferente está acontecendo na hora das provas e ela relata que a professora a colocou em uma carteira no fundo da sala para que ela tivesse um espaço mais tranquilo para fazer a prova. Ela também acha que as questões parecem estar diferentes, pois tem sido mais fácil compreendê-las. Pergunto se ela percebeu essa mudança apenas na prova dela ou se as provas estão todas iguais e ela confirma que toda a turma fez a mesma prova. Antes de continuarmos, explico que temos poucos encontros até o término do nosso trabalho e sugiro que ela comece a pensar em como ela gostaria que nós encerrássemos nossas atividades. Também digo que, para o próximo encontro, gostaria de ter uma conversa com a mãe dela que ocuparia todo o tempo do encontro. Explico que esta conversa será para ouvir as dúvidas que sua mãe possa ter e para que ela possa falar um pouco mais comigo, como eu a escuto e já escutei sua escola também. Ela concorda com esta proposta. Seguindo, proponho que neste encontro deixemos um pouco a escola de lado para falarmos de outras coisas que ela queira e para brincar também. Ela sorri e concorda plenamente com a ideia. Ela escolhe o jogo Uno®. Conversamos sobre fatos do seu cotidiano, como os planos do irmão para o próximo ano (ele pretende prestar a prova para a escola técnica). Apesar de ser uma questão escolar, julgo pertinente perguntar neste momento quais são os planos dela para a escola no ano que vem. Ela me explica que provavelmente já terá se mudado da cidade. Até o encerramento, seguimos jogando enquanto ela contava várias situações que ela havia vivido quando visitou a cidade que vai morar. Conta de fatos históricos e da biologia local e procuro mostrar para ela quantas coisas ela sabe! Concluindo, o próximo encontro será apenas com sua mãe. O objetivo



será ouvi-la e conhecer de forma mais detida o seu ponto de vista dentro do processo.

4.11 Décimo Segundo Encontro

“Porque eu mereço mais do que isso
Então [não pense em] me prescrever Ritalina
Eu consigo me concentrar...”
(Fingerprints – Katy Perry, livre tradução)

Iniciamos o encontro com a Letícia aparentando estar surpresa por ser chamada para a conversa. Logo esclareço o motivo do convite: gostaria de ouvi-la e saber como o processo de OQE tem afetado a sua vida. Quero entender melhor a sua participação no processo e reforçar o caráter de atendimento da rede envolvida no processo de construção da queixa escolar: escola – estudante – família.

Ela principia falando que quando firmamos o contrato com uma previsão de dez encontros ela não sentiu muita confiança. Acreditou que seria um tempo muito curto para conseguir realizar mudanças significativas. No entanto, conta que a partir do terceiro encontro já começou a perceber mudanças positivas da filha e que isto foi muito estimulante para continuar investindo no processo. Letícia repete algumas vezes que gostou muito do trabalho e que sua maior satisfação é em perceber que a filha parece ter “acordado”. Explica esta expressão dizendo que avalia que a filha está desenvolvendo mais responsabilidade e foco.

Peço exemplos e ela relata que, antes, precisava pedir repetidas vezes à filha para que fosse fazer suas tarefas e ela só as fazia depois desta insistência e com ajuda da mãe, do irmão ou dos tios. Este comportamento mudou e agora ela tem feito suas tarefas sem a necessidade de sua mãe mandar e, em boa parte das vezes, recusa a ajuda, afirmando que gosta de ter a oportunidade de tentar sozinha e ficando muito feliz quando consegue acertar as atividades.

Após ela expor estas considerações, proponho uma hipótese para pensarmos: considerando os objetivos traçados nos atendimentos com a Renata, que propõem a mudança de hábitos visando um cotidiano mais relaxado para esta criança, penso que este novo estado pode ter influenciado na relação da Renata com os estudos. Discutindo esta hipótese, chegamos à conclusão de que a Renata vem construindo um novo sentido para a atividade de estudo e, desta forma, cumpre suas tarefas sob menor pressão que antes, mudando seu olhar de “obrigação” para “desejo de conhecer”.

Letícia segue dizendo que o modelo de atendimento focal e breve a agradou muito



pois não fica “enrolando”. Diz que, apesar dos atendimentos não se aprofundarem em questões familiares, sempre se sentiu participante e tendo espaço para ser ouvida.

Explica que se sentia muito angustiada quando procurou o serviço. Por se cobrar demais, sentia que precisava fazer de tudo para ajudar a filha e não sabia mais o que fazer. Assumiu o alto custo (presença semanal, levantar cedo, pegar ônibus lotado em um trajeto de mais de duas horas, ter que sair correndo para dar almoço para a filha e chegar a tempo à escola) apostando nas possibilidades e agora sente-se aliviada em ver que a filha está em pleno desenvolvimento e mais preparada para encarar as novidades implicadas na mudança de ciclo escolar.

Conclui dizendo que não acha que sua filha tenha dificuldades de aprendizagem, pois está vendo que ela está aprendendo.

Caminhando para a conclusão, proponho uma reflexão de acordo com os objetivos dos últimos encontros com a Renata. Peço à mãe para que me diga, na sua concepção, quem é sua filha, remetendo a seus gostos e sonhos. Com alguma dificuldade, Letícia usa a expressão “uma sonhadora” para se referir à filha. Diz que ela é muito “avoada” e que parece estar sempre “à deriva”. Quando questionada sobre o que está pensando, a filha responde: “nada”.

Peço para que ela tente se lembrar de outras características que representem a Renata e, após pensar um pouco, conta que ela gosta de estrogonofe, da cor azul e de ter cabelos longos. Gosta de bichos e quer ser bióloga. Brinca de boneca, mas pouco. Prefere assistir à novela das sete, jogar no celular e assistir vídeos de seus Youtubers favoritos. Encerro propondo um questionamento: a considerar os últimos interesses citados, podemos pensar em uma mudança de interesses própria da passagem para adolescência, quando brinquedos perdem espaço para outras atividades?

4.12 Décimo Terceiro Encontro

“[Não podem] escrever a minha história (...)
Eu não vou apenas me conformar
Não importa o quanto (...) me desestabiliza[m]...”
(Rise – Katy Perry, livre tradução)

Renata chega dizendo que não tem muitas novidades, apenas que está quase concluindo as avaliações na escola e que tem ido muito bem, estando de recuperação apenas em matemática. Ao fazer este relato, fala de forma segura e visivelmente empolgada sobre seu desempenho. Demonstra estar confiante em sua melhora e evidencia isso ao



ser questionada sobre suas concepções sobre o trabalho realizado.

Lembro que, conforme havíamos conversado, nosso trabalho se encerrará na próxima semana. Friso a importância de retomarmos os conteúdos do trabalho e expresse o meu desejo de ouvir o que ela tem pensado sobre os resultados atingidos. De forma geral, Renata se percebe tendo outra postura na escola. Lembra que agora se sente mais confiante, o que a deixa mais tranquila e segura nas situações de prova. Se sente, também, mais segura quando precisa ler textos em voz alta e percebe que seu comportamento em casa mudou, pois agora não precisa tanto da cobrança da mãe para que cumpra suas tarefas.

Concluindo, Renata traça uma analogia para explicar como se sente com relação as mudanças vividas. Ela relata que hoje se sente como se sentia quando estava no segundo ano. Explica que naquela época não tinha grandes dificuldades na escola, gostava de frequentar as aulas e que suas notas eram muito boas e hoje, após o processo de OQE, voltou a sentir-se bem na escola e acreditar em seu potencial, ou como disse “...no segundo ano eu não me achava burra, mas no quinto ano eu comecei a me achar burra. Mas agora eu voltei a achar que eu não sou burra, eu estou aprendendo”.

Encerramos este encontro jogando o nosso pebolim e conversando, mas com o acordo de não falarmos de assuntos escolares. Pudemos conversar sobre alguns gostos dela e atividades que faz e gosta (como jogar no celular, por exemplo). Combinamos que no encontro final faremos um café da manhã coletivo para conversarmos sobre a devolutiva dos atendimentos.



5 DEVOLUTIVA

“Se você soubesse o que o futuro guarda...
Depois de um furacão
Vem um arco-íris”
(Firework – Katy Perry, livre tradução)

Neste encontro, muitas questões que já vinham sendo abordadas nos últimos encontros puderam ser retomadas. Por já terem sido tratadas e visando o aproveitamento do tempo para encerrar de forma festiva os atendimentos, seguem alguns tópicos discutidos:

Entrega do parecer solicitado pela escola: conforme solicitado, foi elaborado um parecer sobre os atendimentos abordando os principais avanços e sugerindo propostas de intervenção para a escola que apostem nas potências da Renata. Após discutido e sendo de acordo da mãe e da criança, foram entregues cópias para que levassem para a professora e a coordenadora;

Retomada das principais mudanças observadas no decorrer do processo: ambas puderam falar sobre as mudanças que identificaram, principalmente com relação à tranquilidade com as situações de provas, a mudança de postura da Renata diante das responsabilidades escolares e a empolgação com o desempenho crescente nas provas.

Como havia sido solicitado pela Renata no encontro anterior, reservei diversos materiais lúdicos para este encontro. Ela havia pedido que na devolutiva tivéssemos espaço para brincadeiras, assim como fizemos nos encontros. Levei alguns jogos que permitissem que jogássemos todos juntos. Além disso, como combinado, houve um café da manhã para que pudéssemos comemorar os avanços obtidos e o prazer de estarmos juntos!



6 ACOMPANHAMENTO

“Mas aquilo é passado e isto é agora!
Agora, olhe para mim!
Esta é a parte de mim que você nunca arrancará...”
(Part of Me - Katy Perry, livre tradução)

O acompanhamento aconteceu cerca de quatro meses depois do encerramento do trabalho. Foi feito o contato telefônico e tive a oportunidade de conversar com a Letícia e com a Renata.

Primeiramente falo com a Letícia, que conta que a vida escolar da filha tem se dado de forma mais tranquila. Apesar da passagem para o sexto ano, com um professor para cada disciplina, percebe que a filha não tem apresentado dificuldades em acompanhar as aulas, fato que se deve a ela estar mais organizada em suas tarefas e mais tranquila consigo mesma, ou seja, desenvolveu maior autoconfiança em sua capacidade. Ela ainda relata que o sexto ano tem uma forma de organização mais rígida quanto a trabalhos, estudos e provas e que isso tem efeitos positivos no desempenho da filha.

Esta organização dá segurança para Renata, que consegue ter maior previsibilidade quanto às atividades escolares, realizando-as de forma menos desgastante e, por conseguinte, apresentando melhores resultados.

Quanto à vida fora da escola, percebe a filha muito mais tranquila. Organiza bem a própria rotina, não havendo necessidade de controle dos horários por parte da mãe. Observa que a filha tem assistido mais TV, que é algo que gosta, e avalia isso de forma positiva. Além disso, tem tido mais atividades de lazer, como por exemplo, visitar a prima na casa dos tios.

Peço para que ela avalie o significado da OQE na vida da Renata e ela entende este trabalho como um “divisor de águas”. Anteriormente percebia a filha como “empacada”, mas acha que o trabalho “abriu seus olhos” e reconhece que, durante o processo, a filha passou a reconhecer a necessidade de se organizar e identificar o que é importante que ela faça.



Admite que, a princípio, não confiou que um processo de intervenção breve pudesse surtir efeitos significativos. No entanto, mudou seu ponto de vista ao reconhecer tais mudanças a partir do terceiro encontro com a criança, destacando o fato de a filha “se encontrar” em sua vida escolar, desenvolver o senso de organização e responsabilidade e, muito importante, ter aprendido a dividir seus problemas com outras pessoas, aliviando o sofrimento.

Em seguida, conversando com a Renata, ela entende que está muito melhor na escola. Sente-se mais tranquila na realização das tarefas, obtendo bons resultados e, inclusive, acha que as matérias estão mais fáceis agora.

Diz que gosta do ritmo do sexto ano, pois os professores, apesar de exigirem muito mais dela, são mais organizados e claros nas tarefas solicitadas. Como sempre pedem para que os alunos façam anotações, Renata sente que isso a ajuda a se organizar. Relata que nas provas tem apresentado um resultado “mais pra bom”, apesar de ainda ter algumas pequenas dificuldades em matemática.

Concluindo, além de se sentir mais tranquila e confiante, destaca que agora tem tido uma vida que chama “ao ar livre”. Define esta nova vida como tendo mais tempo para si mesma, para fazer coisas que gosta, citando o passeio à casa dos tios.



7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentado o percurso do atendimento de Renata em Orientação à Queixa Escolar, encerro este trabalho apresentando algumas observações registradas por mim ao final de cada encontro. Nestas observações, alguns assuntos surgem como possibilidades de reflexão, no entanto, não considero viável me aprofundar nestes assuntos neste espaço.

Na entrevista inicial com a mãe, apresentou-se um quadro de pressão da escola sobre a mãe, cobrando-a quanto a um laudo psicológico. Pareceu ser uma possibilidade produtiva a mãe ter entrado em contato com a escola e informado que a filha estava passando por acompanhamento psicológico. Assim, a escola pôde se tranquilizar e também passar a observar com mais atenção os avanços conquistados pela Renata. Ao final do primeiro encontro, ficou bastante evidente o alto nível de cobrança da Renata sobre si mesma. A forma como ela fala sobre a queixa parece bastante característica da fala do adulto, que repete que o motivo de suas notas baixas são a sua falta de esforço.

Quando questionada sobre atividades de lazer, Renata fala de poucas atividades desvinculadas ao estudo, fazendo pensar que, em seu cotidiano, as atividades lúdicas e de relaxamento estejam significativamente reduzidas. Tal contexto, evidentemente estressor, parece se refletir sobre sua autoestima, levando-a a, possivelmente, generalizar o sentimento de baixa autoestima a outras tarefas que executa.

Para os próximos encontros, me pareceu ser importante favorecer que o espaço dos encontros fosse um ambiente lúdico, leve e relaxante, onde ela pudesse ser livre para se expressar à sua vontade, sendo valorizada naquilo que pensa e faz. No segundo encontro outra questão se evidenciou: Renata é uma criança cujo direito ao brincar tem sido tirado gradativamente. Conjuntamente à alta exigência de estudos, penso que o iminente início da puberdade tem sido argumento dos adultos para reforçar a ideia de que o foco devem ser os estudos. Assim, ficou claro que o trabalho de OQE com a Renata deveria privilegiar atividades lúdicas, valorizando-as e mostrando sua importância no desenvolvimento. O terceiro encontro foi bastante produtivo. Avalio um salto qualitativo na relação da Renata com a queixa escolar. Ela parece se apropriar da situação com mais clareza e



tem interesse em pensar estratégias de enfrentamento. Reconhece que o nervosismo da situação avaliativa atrapalha seu bom rendimento e demonstra estar disposta a pensar em formas de relaxar e se tranquilizar antes das provas. Naquele momento, avalei ser importante investir em atividades prazerosas e relaxantes. O objetivo destas atividades foi o de favorecer a melhora da autoestima e da autoconfiança em momentos de avaliação. Ao final do quarto encontro, diante do pedido da mãe, ficou evidente a urgência de entrar em contato com a escola e entender o que a instituição precisa. Toda esta situação cria um contexto de muita ansiedade para todos (família, professora, gestores e principalmente, a Renata) e tal clima não favorece o desenvolvimento de potencialidades.

É importante destacar que, ainda que a pouco tempo juntos, a Renata já realizava alguns avanços e já enxergava a queixa apresentada de forma diferente, estando mais claro que ela não é a única responsável pela situação.

Em sua fala, Renata mostra que está gradativamente se apropriando da queixa apresentada. Ela compreendeu o efeito deletério de estar ansiosa na hora das provas e que este estado se dá pela cobrança que sofre dos adultos de seu convívio, que exigem sempre o melhor dela e se frustram quando ela não consegue atingir os resultados esperados.

Quando fala do que gostaria que a escola soubesse, ela demonstra estar muito interessada em aprender e quer ajuda para que possa atingir este objetivo. Em sua fala, apresenta pontos importantes como o desejo de ser ouvida e participar nas tomadas de decisões, além de estar pensando em possibilidades de trabalho que possam ser mais produtivas para ela e para a escola.

O contato com a professora e a coordenadora foi uma marca significativa do andamento do trabalho. Esta foi uma conversa bastante difícil. A princípio, ambas me pareciam inflexíveis e muito presas ao longo histórico de mau desempenho da Renata, dando a entender que não havia muito a ser feito.

No entanto, ao final, pude perceber que houve sim espaço para diálogo e ambas se prontificaram a ajudar naquilo que estivesse ao seu alcance. Uma frase da coordenadora resume esta questão: “Temos que nos lembrar que somos educadores e precisamos manter o caráter humano do nosso trabalho”.

Ao apresentar para a Renata o conteúdo da reunião, percebo o quanto ela não tem clareza do ponto de vista da escola sobre ela. Algumas coisas a surpreendem, principalmente ao saber que estão dispostas a ajudá-la.

Voltando o olhar para a Renata e o conhecimento de si mesma, mais uma vez fica



evidente que tais reflexões não fazem parte de seu cotidiano, sendo dominada por preocupações com questões escolares, deixando passar o conhecimento sobre si mesma. Por conta disso, acreditei que este seria um ponto importante a desenvolver nos próximos encontros.

Nos encontros seguintes, um movimento bastante intenso ocorreu. A proposta da atividade fora da clínica, que foi motivada pelo desejo manifesto de Renata de estar em contato com animais e a natureza (presentes no seu desejo de ser bióloga) gerou uma série de conclusões acerca do seu desempenho em tarefas que exigem habilidades ensinadas na escola, como já foi apresentado aqui.

Este foi o momento de ter a real clareza de que Renata não dá indícios de ter qualquer tipo de patologia que impeça sua aprendizagem. Apesar da dificuldade, ao receber atenção, cuidado e paciência, foi capaz de cumprir integralmente tudo que havia sido proposto.

Seguindo um movimento de intensa reflexão, observei que toda nossa discussão sobre o sistema avaliativo provocou na Renata o desejo de compreender melhor como está sendo avaliada. Reações de insatisfação (expressas por mudanças na postura corporal e tom de voz) foram visíveis e são novas no contexto dos nossos encontros. Penso que estas reações evidenciaram uma mobilização por parte dela.

No encontro seguinte, me deparo com uma Renata muito tranquila e animada com o seu desempenho. Ela fala com segurança sobre suas notas e não parece se abalar com a recuperação de matemática.

A oportunidade de ter a dimensão da mãe (enquanto maior representante do ambiente familiar) sobre o processo me permitiu avaliar o andamento de uma forma nova. Percebe-se que a OQE favoreceu o desenvolvimento desta criança, que agora se mostra mais instrumentalizada para lidar com questões referentes à sua escolarização. Além disso, quando a mãe relata não acreditar mais que a filha possa ter uma dificuldade de aprendizagem diagnosticável, entende-se um grande avanço no caminho da superação da queixa escolar como centrada na estudante, dentro de uma perspectiva patologizante.

Chegamos ao encontro final. Sucinto, porém fortemente carregado de sentido. Renata demonstra visivelmente (na postura e na voz) estar mais confiante consigo mesma. Relata ter aprendido a lidar com a tensão das provas (“... eu lembro de você falando para eu ficar tranquila”) e, principalmente, sente-se segura e confiante no próprio desempenho, valorizando as suas conquistas. Entendo ser esta conversa um indicativo que os objetivos previstos para o processo de OQE foram atingidos e ele pode ser encerrado.



Encerro este caso sentindo-me satisfeito com o que foi alcançado. Percebo que tanto a criança quanto a mãe sentem-se mais empoderadas e ativas na relação com a escola. Já se entendem como participantes e compreendem melhor a complexidade das relações de ensino e aprendizagem. Considerando os objetivos do modelo focal e breve da OQE, esta família e essa criança encontram-se melhor instrumentalizadas para lidar com as queixas escolares.

Durante a entrevista do acompanhamento, Letícia destaca o aumento da autoestima da filha, que agora sente-se confiante e capaz de realizar suas obrigações. Também percebe o desenvolvimento do senso de responsabilidade, tornando-se uma jovem mais auto-suficiente em sua vida. Por fim, conclui que todas essas mudanças foram fundamentais na reconstrução da sua autoimagem e autoconceito, reconhecendo em si mesma a capacidade de lidar com seus desafios, acreditando em si mesma.

Encerro este caso com o sentimento de dever cumprido. Confesso que me emociono ao retomar os registros de atendimentos e observar a crescente resultante deste trabalho com a Renata.

Fica muito evidente a força do trabalho em OQE não só na vida desta jovem, mas de sua família. Com o desenvolvimento da autoestima, Renata vem se mostrando cada vez mais fortalecida e preparada para lidar com o sistema educacional no qual se insere (a despeito de todas as fragilidades de tal, o que não vem ao caso).

Tomando por base os objetivos traçados, avalio que todos foram atingidos plenamente. O desempenho escolar melhorou consideravelmente, a tal ponto que uma possível reprovação deixou de ser um pesadelo constante para se tornar um passado superado em favor de um futuro promissor. Com os ganhos de auto-estima, Renata sente-se preparada para lidar com os desafios que a vida a impõe. Por fim, considero uma vitória do processo a reorganização da rede (com destaque ao papel da instituição escolar) no sentido de abandonar a “suspeita” de dislexia. Em uma sociedade organizada, sabidamente, em uma lógica médica e patologizante, questões da vida cotidiana, das relações interpessoais e do próprio desenvolvimento ganham ares de patologia e clamam por diagnósticos e medicamentos. Este trabalho mostra que aceitar este modelo dentro do campo das queixas escolares pode não ser a decisão mais acertada.

Renata, “dislética em potencial” vem derrubando, por si mesma e dia após dia, este rótulo que um dia pretenderam atribuí-la. Mostra que sua necessidade nunca fora um remédio, e sim, um novo olhar para as relações escolares, envolvendo cuidado, atenção e afetos.



8 BIBLIOGRAFIA

FRELLER, C. C. et al. Orientação à Queixa Escolar. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 6, n. 2, p. 129-134, jul./dez. 2001.

PATTO, M. H. S. *A Produção do Fracasso Escolar: Histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: T. A. Queiroz. 1990.

SOUZA, B. P. Orientação à queixa escolar: considerando a dimensão social. *Psicol. cienc. prof.* Brasília, v.26, n.2, p.312-319, jun. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/>. Acesso em 10 mai. 2017.

SOUZA, B.P. Apresentando a Orientação à Queixa escolar. In SOUZA, B. P. (Org.). *Orientação à queixa escolar*. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2010.

SOUZA, B.P.; SOBRAL, K.R. Características da clientela da Orientação à Queixa Escolar: revelações, indicações e perguntas. In SOUZA, B. P. (Org.). *Orientação à queixa escolar*. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2010.

SOUZA, M. P. R. (1996). *A queixa escolar e a formação do psicólogo*. 1996. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996.